

Uma interpretação crítica do revisionismo de Rorty relativamente à filosofia de Dewey

A Critical Interpretation of Rorty's Revisionism Regarding Dewey's Philosophy



10.21680/1983-2109.2026v33n70ID40631

Edna Magalhães

Universidade Federal do Piauí (UFPI) / PPGFIL

magaedna@yahoo.com.br

Resumo: Ao construir sua hipótese interpretativa sobre John Dewey (1859-1952), o filósofo estadunidense Richard Rorty (1931-2007), considerado um continuador da doutrina pragmatista, atribuiu ao nosso autor duas personalidades conflitantes: O Dewey “bom” e o Dewey “mau”. Em sua interpretação do pragmatista pioneiro, Rorty não considera adequado que Dewey reconstrua conceitos da filosofia tradicional como *ciência*, *natureza*, *experiência* e *método*. Rorty pensa que se Dewey tivesse abandonado tais projetos estéreis poderia ter criado argumentos mais persuasivos e adequados contra a filosofia canônica. Ao constatar que Dewey não abandonou esses projetos, Rorty o classifica como o “Dewey mau” e o reprova. Mesmo assim, ele não se cansa de elogiar um suposto “Dewey bom”, que foi crítico da evidência, do fundacionismo e dos dualismos. Em sua tentativa de “linguisticizar” Dewey, Rorty quer demonstrar que o “jovem Dewey” foi o Dewey “mau”, pois, conforme Rorty, ele tentou seguir Locke e Hegel e ainda permaneceu no kantismo. Assim, atribui ao

“velho Dewey”, a qualidade de “bom”, uma mudança de atitude que seria mais coerente com a sua doutrina: a realização de estudos sociais, educacionais e culturais sobre os problemas filosóficos em seus contextos específicos. Nossa tese, sintetizada neste artigo, consiste em argumentar que não nos parece adequada a hipótese de que haja um “primeiro” e um “segundo” Dewey. A estratégia interpretativa de Rorty não é aceita por nós porque desfigura a obra do pragmatista clássico, considerando que deve ser aceita apenas a dimensão historicista de seu pensamento e não a dimensão científica. A nosso ver, esta interpretação pretende ocultar a categoria nucleadora da obra de Dewey, que é a *experiência*. Rorty escreveu que a contribuição que Dewey ofereceu ao pensamento filosófico foi a de ser crítico da tradição. Desse modo, a pretensão deweyana de oferecer uma metafísica, caracterizada pela descrição da realidade e pela descoberta dos traços gerais dela, a fim de iluminar as pesquisas e investigações futuras, foi rejeitada por Rorty. Com base neste contexto, pretendemos resgatar um diálogo que Rorty propõe aos seus críticos no livro *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics* (1995), especialmente, com James Gouinlock. Quanto às questões colocadas por Hartmann e Kremer, a nossa crítica em desfavor destes dois autores consiste em argumentar contra a estratégia rortyana de cindir Dewey em dois e, por fim, sustentamos uma interpretação que articula às duas dimensões da filosofia deweyana: a historicista e a cientista.

Palavras-chave: Pragmatismo; Neopragmatismo; Revisionismo; Dewey.

Abstract: When constructing his interpretative hypothesis about John Dewey (1859-1952), the American philosopher Richard Rorty (1931-2007), considered a follower of the pragmatist doctrine, attributed to our author two conflicting personalities: the “good” Dewey and the “bad” Dewey. In his interpretation of the pioneering pragmatist, Rorty does not consider it appropriate for Dewey to reconstruct concepts of traditional philosophy such as science, nature, experience and method. Rorty thinks that if Dewey had abandoned such sterile projects, he could have created more persuasive and adequate arguments against canonical philosophy. Upon realizing that Dewey did not abandon these projects, Rorty classifies him as the “bad Dewey” and disapproves of him. Even so, he never tires of praising a supposed “good Dewey”, who was critical

of evidence, foundationalism, and dualisms. In his attempt to “linguisticize” Dewey, Rorty wants to demonstrate that the “young Dewey” was the “bad” Dewey, because, according to Rorty, he tried to follow Locke and Hegel and still remained in Kantianism. Thus, he attributes to the “old Dewey” the quality of “good”, a change of attitude that would be more consistent with his doctrine: the realization of socio-educational and cultural studies on philosophical problems in their specific contexts. Our thesis, summarized in this article, consists of arguing that the hypothesis that there is a “first” and a “second” Dewey does not seem adequate to us. Rorty’s interpretative strategy is not accepted by us because it disfigures the work of the classical pragmatist, considering that only the historicist dimension of his thought should be accepted and not the scientific dimension. In our view, this interpretation seeks to hide the nucleating category of Dewey’s work, which is experience. Rorty wrote that Dewey’s contribution to philosophical thought was to be critical of tradition. Thus, Dewey’s claim to offer a metaphysics characterized by the description of reality and the discovery of its general features to illuminate future research and investigations was rejected by Rorty. Based on this context, we intend to recover a dialogue that Rorty proposes to his critics in the book *Rorty and pragmatism*. The philosopher responds to his critics (1995), especially with to James Gouinlock. Regarding the questions raised by Hartmann and Kremer, our criticism against these two authors consists of arguing against Rorty’s strategy of splitting Dewey into two and, finally, we support an interpretation that articulates the two dimensions of Dewey’s philosophy: the historicist and the scientific.

Keywords: Pragmatism; Neopragmatism; Revisionism; Dewey.

Introdução

Deixando de lado parte significativa da obra de Dewey, Richard Rorty realiza uma interpretação distorcida da obra do nosso autor, privilegiado um suposto Dewey “bom” que poderia levar à filosofia a “idade de ouro”. Isso corresponderia, na interpretação de Rorty, sair da metafísica da experiência, segundo o modelo kantiano, e

passar para uma fase de análise do desenvolvimento cultural, segundo o modelo hegeliano. Para atingir esse objetivo, Rorty faz uma leitura da obra de Dewey que tenta mostrar a prevalência da dimensão historicista em detrimento da dimensão cientista do pragmatista clássico. Sem dúvida, Dewey se opõe à ideia de uma filosofia única, fundamentadora do conhecimento. Mas, Rorty acredita que, por causa disso, não há lugar para uma metafísica empírica na obra de Dewey, mas sim para um tratamento terapêutico da tradição.

Desde que Rorty trouxe à baila o pensamento de Dewey na obra *Philosophy and the Mirror of Nature* [Filosofia e os Espelho da Natureza] (1979) apresentando a sua interpretação do pragmatista pioneiro, ele começou a receber críticas de comentadores de Dewey e de estudiosos do tema, que procuraram mostrar que ele estava errado ao afirmar a continuidade entre sua filosofia e a do pragmatismo clássico.

Muitos estudiosos se opõem à maneira pela qual Rorty se apropria da filosofia de Dewey. Intérpretes do pragmatismo americano clássico, como Tomas M. Alexander (1980), James Campbell (1984), Ralph Sleeper (1985), David Hall (1994), Susan Haack (1995) Telma Lavine (1995), James Gouinlock (1995), Bjorn Ramberg (2001) e Alan Malachowski (2002), dentre outros, se opõem à interpretação rortyana de Dewey.

Susan Haack (1995), por exemplo, diz que enquanto o pragmatismo clássico é uma tentativa de entender e criar uma estrutura nova que legitime a investigação científica, o pragmatismo de Rorty afirma-se como um abandono da própria tentativa de aprender mais sobre a natureza e sobre as condições de adequação da investigação. Malachowski (2002) pontua que os críticos da apropriação de Rorty reconhecem que Dewey nunca virou totalmente as costas à metafísica, que ela está presente particularmente em

Experience and Nature (1925), constituindo ali um forte ponto de atração para muitos pensadores pragmatistas.

A sugestão de Ramberg (2001), partilhada por outros críticos, é que Rorty pretende encontrar em Dewey uma antecipação de sua própria visão de filosofia, como ideia que dá suporte às ciências políticas. Por ler Dewey dessa maneira, ele é acusado de, deliberadamente, separar o Dewey “bom” do “mau”. Assim, Rorty é crítico do que ele considera a recaída de Dewey na metafísica na obra *Experience and Nature* e, por isso, não aceita a tentativa de reconstrução do pensamento científico presente em *Lógica: Teoria da Investigação*. David Hall (1994), considera que Rorty quer o contraste entre o Dewey “mau” de *Experience and Nature* com o Dewey “bom” do *The Quest for Certainty* e do *Arts as Experience*.

No presente artigo, como parte das contribuições dos críticos de Rorty, delimitaremos nossa investigação com base nas análises de James Gouinlock¹ e David Hall², sobretudo, contra a estratégia rortyana de cindir Dewey em duas personalidades distintas. Sustentaremos uma interpretação que articule as duas dimensões da filosofia deweyana: a

¹ James Gouinlock (1934-2024) ingressou no Departamento de Filosofia da Universidade Emory (Atlanta- Georgia), em 1971. Foi chefe do Departamento e, por vários anos, diretor de Estudos de Pós-Graduação. Como diretor de Pós-Graduação, foi fundamental no desenvolvimento e na formação do programa de pós-graduação em filosofia, levando-o à proeminência nacional que alcançou, especialmente nas décadas de 1980 e 1990. O Professor Gouinlock era um renomado especialista em Filosofia Americana, com ênfase no pensamento de duas de suas figuras mais proeminentes: John Dewey e George Santayana.

² David L. Hall (1937-2001), foi um filósofo formado em Chicago/Yale que defendia um pluralismo temático na disciplina de filosofia. Atuou como professor visitante na Universidade do Havaí. Produziu uma numerosa obra sobre temas da filosofia americana, dentre elas, a obra trabalhada neste texto: CF: HALL, David L. Richard Rorty. *Prophet and Poet of the New Pragmatism*. Albany. State University of N. York Press, 1994.

historicista e a cientista. Nessa perspectiva, apresentaremos nossas objeções tanto à hipótese de um Dewey unicamente historicista e antifundacionista quanto à de um Dewey unicamente cientista.

Levaremos em conta também algumas propostas de comentadores favoráveis a Rorty, como John Hartmann,³ que procura atenuar essa divisão, alegando a existência de um Dewey “concentrado” e outro “diluído”, bem como as pontuações de Alexander Kremer⁴, que defende Rorty com base nas hermenêuticas de Heidegger e Gadamer. De maneira que, para este autor a interpretação rortyana de Dewey tem como base uma ‘fusão de horizontes’. De nossa parte, consideramos tais propostas como estratégias oriundas da mesma fonte, ou seja, da tentativa de “atualizar” Dewey para adaptá-lo ao quadro conceitual neopragmatista.

Pretendemos sugerir que, ao elogiar seu herói filosófico, Rorty fala de si mesmo. A criação do Dewey “bom” é um pretexto de Rorty para nele encontrar a inspiração fundamental para a construção do conceito de *intelectual ironista*⁵. A influência historicista de Dewey aponta tanto na direção de uma interdisciplinaridade que falta à filosofia clássica quanto na direção de uma contextualidade fundamental ao pragmatismo. Pensamos que Rorty concorda

³ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 1.

⁴ Estudioso da hermenêutica de Gadamer, este autor sustenta que toda compreensão é essencialmente uma fusão de horizontes.

⁵ Para Rorty, o ironista liberal é aquele que entende que suas crenças e desejos mais centrais são contingenciais, rejeita o modelo de uma ordem dada para além do tempo e da mudança e não compreende a linguagem como “representação da realidade”, mas enquanto vários jogos linguísticos (CF: Rorty, Richard. *Contingency, Irony and Solidarity*. New York: Cambridge University Press, 1989).

com Dewey quando este último declara que a filosofia cumprirá sua função quando o significado das ciências sociais e das artes tiver se tornado objeto de atenção crítica da mesma maneira que as ciências matemáticas e físicas e, quando sua importância for compreendida. Certamente Rorty também concordaria com Dewey quanto a sua defesa do processo de humanização da ciência ⁶. Rorty aceita a interdisciplinaridade e a contextualidade do pragmatismo deweyano. No entanto, parece cair em contradição ao não aceitar que a concepção de *ciência* em Dewey tenha essas características.

2. Avaliação crítica da interpretação Rortyana de Dewey: um diálogo com James Gouinlock

Em sua tese principal, Rorty (1994) afirma que o conhecimento objetivo é impossível. Rorty nos assegura que estamos enganados ao supor que podemos usar a realidade para testar nossas ideias. Estamos enganados ao supor que as ideias são sobre aquilo que realmente existe. Não comparamos uma descrição com o objeto que ela descreve, mas somente com outra descrição. Não existe, conforme Rorty, um critério neutro para afirmar que uma descrição é melhor que outra. Não podemos fazer distinções quanto à validade cognitiva da ciência, da filosofia, da poesia, da religião, da teologia e da fé nas Sagradas Escrituras. Todas essas áreas são gêneros literários. Em virtude disso, Rorty diz que não podemos fazer distinções entre métodos de investigação como sendo melhores ou piores. Por fim, não podemos também falar de progresso no conhecimento ou na ciência.

⁶ DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 164.

Pelo exposto parece que Rorty está seguindo a famosa tese da incomensurabilidade de tradução, revelando seu débito principalmente a Quine e a Kuhn. Segundo esta teoria, o significado das sentenças observacionais é determinado por uma teoria. Nessa perspectiva, não é possível comparar teorias rivais através das respectivas sentenças observacionais, porque elas são incomensuráveis.

Para Gouinlock, Rorty aceita a conclusão da impossibilidade de comparar teorias através das respectivas sentenças observacionais, mas recusa a premissa de que as teorias sejam incomensuráveis, que considera autocontraditória. Com isso, Rorty pensa estar livre tanto da incomensurabilidade como do relativismo, já que ambas as concepções, para ele, pressupõem que teses opostas são relativas ou incomensuráveis de acordo com algum critério. À medida que os critérios pertencem à epistemologia, a incomensurabilidade e o relativismo podem ser abandonados do mesmo modo que a epistemologia.

Passemos agora à discussão da posição de James Gouinlock, para quem Rorty se inspira na tese da incomensurabilidade da tradução ao alegar que o conhecimento objetivo é impossível⁷. Pensamos que Gouinlock está certo ao dizer isso. Com efeito, essa tese torna contingentes os enunciados das teorias científicas, permitindo que elas sejam colocadas em pé de igualdade com outros gêneros literários, o que faz parte do projeto de Rorty. Gouinlock também está certo ao dizer que, com essa posição, Rorty acredita poder livrar-se das acusações de relativismo e de incomensurabilidade porque esses conceitos pressupõem que afirmações opostas são incomensuráveis ou relativas em relação a algum critério. Já que os critérios pertencem à

⁷ RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*, Princeton: Princeton University Press, 1979(cap. VI).

epistemologia e ela deve ser abandonada, esses conceitos problemáticos também devem ser abandonados⁸.

Com efeito, a estratégia de Rorty é a de simplesmente propor uma troca de vocabulário através da qual a epistemologia e seus problemas seriam deixados de lado em benefício de uma conversação mais voltada para a visão de mundo neopragmatista. Entretanto, Gouinlock peca ao aceitar a divisão de Dewey em dois temperamentos, um “bom” e outro “mau”. Isso não só deforma a filosofia de Dewey, mas também torna mais fácil a argumentação de Rorty no sentido de defender a opção por um Dewey “bom” em detrimento de um Dewey “mau”.

Gouinlock distribui seus argumentos contra Rorty com base naquilo que ele considera os cinco mal-entendidos do neopragmatista em relação a Dewey. O primeiro desses mal-entendidos tem a ver com o método. Ao contrário de Rorty, Gouinlock afirma que Dewey não foi além do método, mas simplesmente o considera fundamental para a raça humana. Pensamos que Gouinlock está certo ao apontar esse mal-entendido rortiano, pois o objetivo central da filosofia de Dewey é de fato a extensão do método a todas as áreas de conduta humana. É conveniente lembrar aqui que essa extensão só pode ser feita em termos bastante gerais, e não específicos, como quer Rorty.

O segundo dos mal-entendidos está ligado à teoria correspondentista. Pensamos que Gouinlock está certo ao reconhecer uma dimensão correspondentista na filosofia de Dewey, mas é oportuno observar que o realismo e o correspondentismo de Dewey, pressupostos pela existência de

⁸ GOUINLOCK, James, *What is the Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey*. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 74.

uma situação problemática inicial e pelo fato de que nossas ideias são antecipações do futuro, nada têm a ver com o realismo e o correspondentismo tradicionais, ideias que Dewey desenvolve a partir da Filosofia de Peirce.

Realismo aqui significa que, nas interações com o ambiente, os objetos surgem como alteridades que confirmam ou falsificam nossos testes. *Correspondentismo* significa aqui simplesmente que o modelo de conduta proposto hipoteticamente para um dado objeto funcionou. Esse modelo não constitui uma “cópia” do objeto em sentido tradicional. Portanto, o sentido de *representação* e de *correspondência* em Dewey não pode ser o mesmo das filosofias clássicas. Trata-se de uma leitura errada que Rorty faz da filosofia deweyana. De acordo com Gouinlock, com quem concordamos, o próprio processo de investigação é inseparável da manipulação e organização de eventos e seu propósito é produzir o objeto completo. Com essa caracterização, certamente, a investigação de Dewey não pode ser redutível à *conversação*⁹.

Quanto ao mal-entendido rortiano em relação à concepção de ciência, Gouinlock também está certo quando afirma que, em Dewey, a ciência nos fornece o conhecimento das potencialidades da natureza sob condições definidas. Mas convém reiterar que o conhecimento científico para Dewey é falível e autocorretivo. Isso significa que Dewey tenta retratar mais os traços gerais do método científico do que propriamente os traços gerais do conhecimento científico, já que o primeiro leva ao segundo.

Passando ao mal-entendido rortiano relativo à linguagem, podemos dizer que ela é de fato função das nossas

⁹ GOUINLOCK, James, *What is the Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey*. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995 pp. 74-78

interações com o ambiente. A linguagem faz parte da nossa experiência, mas não de toda a nossa experiência, e não pode, portanto, ser identificada com essa última. A linguagem é uma ferramenta para lidar com o ambiente. Ao tentar ver em Dewey a tese de que a linguagem é a própria realidade em que vivemos, Rorty está projetando equivocadamente sua perspectiva sobre a de Dewey. Se a linguagem é a realidade em que vivemos, então tudo é conversação e nada poderá ser estabelecido com um mínimo de objetividade. Rorty está revelando aqui o seu idealismo linguístico. Um outro ponto importante a ser considerado aqui está no fato de que, ao ver a linguagem como jogo de linguagem, Rorty parece estar confirmando a tese de Wittgenstein sobre a forma de vida: *isso é assim porque agimos assim*. A única maneira de escapar ao relativismo implícito nessa afirmação é supor que a expressão *agimos assim* pressupõe exatamente aquilo que Rorty quer negar em Dewey, a saber, os procedimentos de formação de hipóteses e seus respectivos testes empíricos para a resolução de situações problemáticas.

Finalmente, no que diz respeito ao mal-entendido rortiano sobre a metafísica naturalista de Dewey, acreditamos que Gouinlock está certo ao dizer que esse é o problema principal da discussão. Gouinlock caracteriza adequadamente a metafísica deweyana ao descrevê-la como uma tentativa de caracterizar o contexto inclusivo da existência humana para que possamos funcionar com eficiência no interior desse mesmo contexto. Ora, isso significa que Dewey não tem a intenção de estabelecer uma matriz neutra e permanente para toda investigação futura, pois isso iria contra o próprio espírito da sua concepção básica de *experiência* como interação dialética entre os seres vivos e o ambiente. A experiência possui caráter histórico e contingente, sendo, portanto, mutável. Desse modo, ela jamais poderia ser apresentada como uma “matriz neutra e permanente” para toda investigação futura. Com efeito, a tarefa de apresentar os

traços gerais da existência humana envolve também a elaboração de uma hipótese sobre essa mesma existência, hipótese essa que deverá ser verificada através da interação com novas experiências, as quais gerarão uma nova hipótese e assim por diante. Temos aqui uma metafísica contingente e falibilista que poderá ser alterada de acordo com as necessidades das experiências futuras. A noção de uma “matriz neutra e permanente” não cabe aqui.

Em sua resposta às críticas de Gouinlock, Rorty afirma que Dewey também quer se comprometer com a “esperança social sem fundamento”. O que conta aqui é a energia e a inteligência dos que lutam por ela¹⁰. Mas Gouinlock pode estar opondo essa “esperança social sem fundamento” a um “compromisso alcançado através do método científico”. Aqui, a divergência entre Rorty e Gouinlock pode ser apenas sobre a utilidade da noção de *método*. Rorty a considera sem utilidade. A expressão *método da inteligência crítica* poderia ser substituída apenas por *inteligência crítica*, expressão que significa *ser experimental, não-dogmático, inventivo e imaginativo, deixando de buscar a certeza*. Quando Dewey liga as expressões *método da* e *inteligência crítica*, ele está tentando fazer contraste com o *método a priori, dedutivo*.

Dewey, conforme Rorty, insistiu em usar a noção vazia de *método* porque queria que a filosofia deixasse de oferecer um corpo de conhecimento, embora ainda oferecesse alguma coisa. E para ele isso é o método. Mas essa foi uma escolha infeliz, pois prometia mais do que podia oferecer: prometia algo positivo, ao invés de simplesmente advertir negativamente para não ficarmos presos na armadilha do passado. Seria possível isolar na obra de Dewey algo

¹⁰ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 91

suficientemente amplo para ser “extensível a todos os problemas da conduta” e também suficientemente estrito para ter “propriedades formais”? Em outras palavras: seria possível isolar nessa obra algo suficientemente genérico para ser o método da democracia e da ciência e ao mesmo tempo específico o bastante para ser contrastados com outros métodos efetivamente utilizados pelas pessoas? Rorty pensa que não¹¹.

Rorty argumenta que *método científico* é um nome para um terreno intermediário não encontrável entre um conjunto de hábitos virtuosos e um conjunto de técnicas concretas, passíveis de serem ensinadas¹². Embora Gouinlock diga que Dewey caracterizou o método científico com detalhe em *The Quest for Certainty* (A Busca por Certeza), Rorty afirma não ter encontrado essa caracterização detalhada naquele livro. Ele declara que tudo o que conseguimos ali é a polêmica padrão de Dewey, repetida sem cessar contra os dualismos epistemológicos e metafísicos. O único conselho positivo que obtemos é o de sermos reflexivos, mas determinados, abertos, mas disciplinados, tolerantes, mas cuidadosos, ousados, mas não tanto, imaginativos, mas não selvagens. Seria um desrespeito à memória de Dewey admitir que, quando ele começa a falar sobre método, ele soa como Polônio?¹³

Ao afirmar que Dewey foi “além do método”, Rorty quis dizer que Dewey desistiu da ideia de que é possível extrair

¹¹ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 92

¹² RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 93

¹³ Personagem do *Hamlet* de Shakespeare, descrito como “um velho idiota e tedioso”.

algumas regras a partir daquilo que os cientistas naturais estão fazendo e aplicá-las a outras áreas da cultura, a fim de modificar essas mesmas áreas. Desse modo, aquilo que Gouinlock chama de “racionalidade como traço de caráter” nunca corresponderá a um conjunto de algoritmos, mas sim a algum análogo epistêmico da *phronesis* aristotélica. Rorty enfatiza que, embora nunca parasse de falar sobre o método científico, Dewey nunca teve qualquer coisa útil para oferecer a respeito dele. A não ser que seja possível mostrar algum trecho de Dewey indicando o que ele realmente pensava do “método”¹⁴.

Rorty afirma que Gouinlock o acusa de ser incapaz de distinguir os melhores dos piores métodos de investigação ou de ser incapaz de falar do progresso do conhecimento, mesmo na ciência. Se as duas acusações fossem corretas, então Rorty estaria muito longe de Dewey. Mas pelo menos a segunda acusação é falsa. Rorty segue Kuhn no conceito de progresso do conhecimento na ciência, definindo-o como capacidade crescente de conseguir o que queremos a partir da ciência. Uma das coisas que queremos é a capacidade de explicar por que a ciência passada estava certa ou errada. Se isso não for progresso do conhecimento também para Gouinlock, então ele tem de mostrar que a expressão *solução de problemas* possui sentidos diferentes em Kuhn e em Dewey. Ora, ele não poderia fazer isso. Kuhn e Dewey estão juntos ao argumentar que a esperança dos positivistas de substituir a *phronesis* por regras é irrealizável¹⁵.

¹⁴ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 94

¹⁵ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 95.

Mas Rorty reconhece que há um sentido em que Gouinlock está certo ao dizer que o seu neopragmatismo não pode distinguir os melhores dos piores métodos de investigação. Isso é assim porque Rorty tem dificuldade em encontrar um princípio de individuação para “métodos”. Esse termo é ambíguo, referindo-se a algo tão geral como os quatro métodos de fixação da crença em Peirce e a algo tão específico como usar magnetômetros – instrumentos científicos usados para medir campos magnéticos no ambiente circundante – e não varinhas de rãdomancia – varinhas não muito científicas que são apontadas para o solo a fim de descobrir água.

Rorty prefere abandonar o termo *método* e usar: a) *prática social* para descrever o que Peirce quer e b) *técnica* para descrever o uso adequado de magnetômetros. As práticas sociais que determinavam o que era “racional” ou “irracional” eram diferentes nas tribos primitivas, nas salas de aula medievais e nos laboratórios do século XIX. Mas nenhum desses três tipos de prática social é redutível a regras e nenhum deles parece adequadamente descrito pelo termo *método*¹⁶. Em síntese, Rorty acha que Feyerabend estava justificado em se colocar “contra o método” porque não há nada mais filosoficamente profundo ou interessante a ser dito contra o vudu, ou a astrologia, ou a autoridade papal, do que dizer que essas técnicas não parecem ter-nos levado para onde esperávamos. Depois de termos elaborado a analogia rala entre abandonar a astrologia pela astronomia e abandonar o feudalismo pela democracia, Rorty não pensa que seja útil a

¹⁶ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 95.

sugestão de que observemos mais de perto o que os cientistas fazem para conceber o que o resto da cultura deveria fazer¹⁷.

Rorty ainda afirma que Gouinlock o acusa de ter perdido um ponto crucial da teoria do conhecimento de Dewey: para produzir objetos de percepção e de conhecimento adequados às peculiaridades de uma situação problemática, é preciso empreender alguma forma de reorientação intencional com relação às condições perturbadoras. Rorty pensa que Dewey tirou essa ideia da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e que ela foi reafirmada muito bem na polêmica de Sellars contra o “mito do dado”¹⁸. Rorty acrescenta que, em diversos artigos, ele tenta ampliar a crítica de Sellars, argumentando que, se compreendemos a relação causal entre a aquisição de crenças e o ambiente em torno daquele que tem a crença, não precisamos nos perguntar a respeito de relações representacionais.

Para Rorty, uma explicação causal e não-representacionista dos estados intencionais nos dá todas as razões para afirmar que as propriedades reais dos objetos estão registradas na linguagem, mesmo depois de termos negado que essas propriedades estejam representadas na linguagem. Elas estão registradas no sentido de que se os objetos não tivessem essas propriedades, não estaríamos provavelmente dizendo o que dizemos ou acreditando no que acreditamos. Para Rorty, a maneira mais eficiente de dispensar as questões sobre a representação é interpretar a expressão *registro das propriedades reais do objeto* como

¹⁷ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 96.

¹⁸ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 96.

significando *causado pelas propriedades reais do objeto e capaz de causar mudanças nessas propriedades*. Com isso, estaríamos trocando uma explicação representacionista da crença por uma explicação causal da crença. Graças à substituição da “experiência” pela conduta linguística, a teoria de Davidson parece a Rorty superior à de Dewey¹⁹.

Conforme Rorty, a distinção de Dewey entre realismo e idealismo simplesmente não funcionou no sentido de que seus colegas filósofos acharam impossível conceber o que Dewey queria dizer ao afirmar que os objetos de conhecimento mudam no curso da investigação. Por causa disso, Rorty pensa que devemos abandonar a noção de “objeto de investigação”. Isso ficará mais fácil se assumirmos a virada linguística e substituirmos a metafísica pela semântica. Rorty pensa que Gouinlock condenaria esse procedimento em virtude de suas suspeitas para com a teoria dos jogos de linguagem. Todavia, a descrição que Gouinlock oferece para essa teoria faz Rorty parar para pensar. Gouinlock afirma que essa teoria nega que a linguagem seja uma função da atividade compartilhada com um ambiente. Rorty afirma não ser capaz de imaginar um filósofo da linguagem que algum dia tenha negado isso²⁰.

Ao final de sua resposta a Gouinlock, Rorty afirma que Dewey algumas vezes rejeitou questões e terminologias. Rorty gostaria que Dewey tivesse feito isso mais vezes. Infelizmente, Dewey empregou diversas vezes a técnica alternativa de conferir sentidos novos e enigmáticos a palavras como *objeto*, *experiência*, *natureza* e *correspondência*. Dewey infelizmente

¹⁹ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 97.

²⁰ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 98.

perdeu a oportunidade de dizer algo como *esqueçam da ‘correspondência’* para dizer: eis algo que você poderia significar por ‘correspondência’, mesmo que esse significado não tenha nada a ver com o significado usado por aqueles que se preocupam em saber se a verdade consiste em correspondência ou não²¹.

Em nossa avaliação da resposta de Rorty, pensamos que o início da sua discussão com Gouinlock mostra a diferença crucial entre Dewey e Rorty: a questão do método científico. Mas essa questão tem duas faces. Em primeiro lugar, ela parece ser apenas uma questão de terminologia. Nessa perspectiva, Rorty reconhece que Dewey não está usando a expressão *método científico* em seu sentido tradicional. Em Dewey, essa expressão se refere ao processo de aprendizagem e conhecimento a partir da dialética das interações entre seres vivos e ambiente. Esse processo se baseia em interações causais que levam à construção de hipóteses a serem testadas e encontra sua melhor expressão nas atividades dos cientistas da natureza. Mas temos de reiterar que a descrição de tal processo só pode ser feita em termos genéricos, como acontece, p. ex., em *The Quest for Certainty*. Em virtude disso, Rorty se equivoca ao exigir uma formulação específica para o processo em questão.

Do ponto de vista terminológico, Rorty tem alguma razão ao afirmar que Dewey poderia ter apresentado sua filosofia sem utilizar expressões como *método científico*, *experiência*, *objeto*, etc. Mas isso não significa que essas expressões sejam meramente descartáveis, pois o que Dewey

²¹ RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 99.

pretende significar com elas ainda constitui parte essencial de sua filosofia. A fim de evitar a prolixidade decorrente dos circunlóquios necessários para se referir aos significados pretendidos sem usar as expressões mencionadas, Dewey teria forçosamente de adotar uma nova terminologia, coisa que ele preferiu não fazer, para salvaguardar a possibilidade de diálogo com seus contemporâneos. Afinal de contas, apesar de adotar um novo sentido para o termo *experiência*, p. ex., ele ainda estava se referindo a algo próximo da *experiência* em sentido tradicional.

Coisa semelhante acontece com o próprio Rorty, que usa termos como *filosofia*, *conversação*, *ironia*, *etnocentrismo*, etc., em sentido diferente do tradicional. Isso significa que ele também poderia ter apresentado sua filosofia sem utilizar esses termos. Mas aqui também essas expressões não seriam meramente descartáveis, pois aquilo que Rorty pretende significar com elas ainda constitui parte essencial de sua filosofia. Para evitar a prolixidade dos circunlóquios, Rorty teria de adotar uma nova terminologia, coisa que ele não fez, para salvaguardar a possibilidade de diálogo com seus contemporâneos. Afinal de contas, apesar de adotar um novo sentido para *conversação*, p. ex., Rorty ainda está se referindo a algo próximo da *conversação* em sentido tradicional. Assim, a conclusão aqui seria que podemos aplicar ao próprio Rorty aquilo que ele aplicou a Dewey através da seguinte paráfrase: Rorty infelizmente perdeu a oportunidade de dizer *esqueça da 'conversação'* para dizer: eis algo que você poderia significar por 'conversação', mesmo que esse significado não tenha nada a ver com o significado usado por aqueles que se preocupam em saber se a filosofia consiste em conversação ou não.

Outro ponto importante na questão terminológica é saber se o termo *método* corresponde efetivamente a uma noção vazia. Rorty afirma que Dewey promete mais do que podia oferecer. Isso não é verdade, pois Dewey não concebe

método de maneira meramente negativa, como uma advertência para não cairmos nas armadilhas do passado. Para Dewey, o método tem claramente uma dimensão positiva que decorre das interações causais com o ambiente. Esse lado positivo só pode ser descrito em termos genéricos, de modo que não se coloca a exigência de Rorty no sentido de que essa descrição deve envolver tanto uma parte geral, extensível a todos os problemas da conduta, como uma parte específica, ligada às propriedades formais.

Desse modo, ao dizer que Dewey vai “além do método”, significando com isso que ele desistiu da possibilidade de extrair regras a partir do trabalho dos cientistas naturais para aplicá-las a outras áreas da cultura, Rorty está oferecendo uma interpretação simplesmente falsa. Dewey e Kuhn não estão juntos ao defender a tese de que a esperança dos positivistas de substituir a *phronesis* por regras é irrealizável. Diferentemente de Rorty, depois de elaborar a analogia – não rala – entre abandonar a astrologia pela astronomia e abandonar o feudalismo pela democracia, Dewey pensa que é útil a sugestão de observar mais de perto o que os cientistas fazem para conceber o que o resto da cultura deveria fazer.

Por fim, a discussão sobre o método parece ser uma questão substantiva, no sentido de envolver concepções diferentes de *objetividade* em Dewey e Rorty. Aqui, Gouinlock tem razão ao dizer que Rorty é incapaz de distinguir os melhores dos piores métodos de investigação, em que pesem os argumentos de Rorty em contrário. Na verdade, o apelo à conversação, ao etnocentrismo, ao ironismo e à contingência dificilmente fornecerá algum critério adequado para distinguirmos os melhores dos piores métodos. E dizer que a teoria dos jogos de linguagem envolve interações com o ambiente não resolve o problema, pois Rorty não oferece qualquer caracterização de como essas mesmas interações podem levar a algum critério de objetividade.

3. Avaliação crítica da interpretação Rortyana de Dewey: um diálogo com David L. Hall

Embora não compartilhe de uma crítica radical a Rorty, David Hall também considera que a interpretação rortyana da filosofia de Dewey é problemática. Tendo rejeitado Peirce e passando por James, no final, Rorty, volta-se para o último membro do trio dos pragmatistas clássicos: John Dewey. Mesmo assim é o Dewey jamesiano que Rorty deseja cooptar para o seu novo pragmatismo. Esse esforço de cooptação deriva da influência recebida de pensadores como Richard Mckee e dos pragmatistas linguísticos: Quine, Sellars, Goodman, Putnam e Davidson. Isto criou alguns problemas.

Conforme David Hall, a filosofia de Dewey teria uma dimensão peirceana e outra jamesiana. A recusa que Rorty faz de Peirce o separa de um dos principais ramos do pragmatismo norte-americano. O ramo peirceano mantém uma relação crítica com a ciência e é caracterizado pelo uso dos métodos científicos e pela procura do consenso. O ramo jamesiano é mais literário do que científico, enfatizando as dimensões afetivas e volitivas da experiência humana e insistindo no reconhecimento da pluralidade das crenças e ações anteriormente a qualquer consenso. Rorty desenvolve uma versão do pragmatismo na qual é promovida a ideia de ampla tolerância intelectual. Mas ele não cai, segundo Hall, no relativismo, pois afirma que a liberdade de desenvolver concepções alternativas não garante que todas serão igualmente viáveis como ferramentas para a resolução de problemas particulares.

Na argumentação de Hall, Rorty acusa Dewey de reunir entidades linguísticas com a experiência, que é introspectiva. Este é um aspecto fundamental da tentativa de Rorty de revisar o pragmatismo clássico. Rorty considera a metafísica

empírica de Dewey como sendo uma contradição nos seus termos. Ele acha que Dewey não pode servir a dois senhores. Com isso Rorty prepara o seu terreno para desenvolver o pragmatismo linguístico. Como se vê, a fim de fazer de Dewey um filósofo somente historicista Rorty trunca a noção de experiência. Assim, trata a experiência nos moldes clássicos e postula a linguagem como paradigma, no entanto, isenta de si mesmo qualquer pretensão de fornecer o último vocabulário e se reconhece quebrando inteiramente com a tradição epistemológica kantiana.

David Hall, além de observar a inadequada substituição do conceito de experiência pelo de linguagem, assegura que Rorty não está em busca de uma nova teoria pragmatista. Ele pretende se centralizar na cultura, incluindo todas as possibilidades humanas de descrições e redescrições da realidade, como romances e metáforas. É nesse sentido que Rorty defende que não precisamos de uma metafísica ou de teorias epistemológicas, uma vez que temos a sensibilidade necessária para construir novas possibilidades de caráter social e institucional. Assim, cabe ao filósofo o papel de conversar, mediar, facilitar, estar aberto às novas possibilidades. Hall justifica o revisionismo de Rorty como uma “licença poética” para pensar Dewey à sua maneira. Com base nisso, vê a interpretação de Rorty como uma contribuição que permite resgatar nas obras de Dewey, especialmente na sua filosofia social, um valioso recurso intelectual para nossos dias.

Hall escreve que, para Rorty, a linguagem é uma noção mais adequada para referir-se à experiência histórica, holística e antifundacionista. No entanto, Dewey não poderia efetuar essa substituição, pois a linguagem já se constitui, na sua obra, como a principal forma de experiência a partir das relações que os organismos humanos estabelecem entre si e com o ambiente. É com base nesse naturalismo que Rorty rejeita o

que chama de elementos peirceanos do pensamento de Dewey. Rorty observa também que as noções de lógica, de método, de ciência e filosofia na obra de Dewey são marcadas pelo pensamento de Peirce. No esforço de interpretar Dewey como historicista – uma espécie de filósofo que mereceria seu elogio - Rorty desfigura em Dewey a sua noção de experiência, ignorando a reflexão desse autor sobre a nossa continuidade como organismos, sobre nossas necessidades e impulsos vitais de criaturas humanas.

Passemos agora à discussão dos argumentos de David L. Hall²² a respeito da apropriação rortyana do pensamento de Dewey. A distinção feita por Hall, estabelecendo a coexistência de duas dimensões em Dewey, a peirceana ou científica e a jamesiana ou historicista, parece-nos correta. Podemos inclusive dizer que a filosofia de Dewey é uma tentativa de conciliar essas tendências opostas em seus precursores. Mas, como já tentamos mostrar mais de uma vez, isso não significa que exista uma tensão insuperável na filosofia de Dewey e que devemos escolher uma dessas tendências em detrimento da outra. Essas duas tendências se complementam harmoniosamente na filosofia deweyana.

Hall tem razão também ao dizer que Rorty faz uma forte desleitura de Dewey. Mas resta saber se o Dewey hipotético que resulta dessa desleitura, por mais efetivo e atualizado que seja, tem alguma coisa em comum com o Dewey original, que apresenta simultaneamente um viés peirceano e um viés jamesiano. A estratégia de Rorty consiste em propor a substituição, na filosofia de Dewey, da metáfora da “experiência” pela da “linguagem”, mas isso é muito problemático. A tentativa de substituir *experiência* por *linguagem* só poderia ser feita ao elevado custo não apenas de

²² HALL, David L. *Richard Rorty. Prophet and Poet of the New Pragmatism*. Albany: State University of N. York Press, 1994, p. 71.

alterar profundamente a concepção deweyana de *experiência*, mas também de trocar a *metafísica da experiência* por uma *metafísica da cultura*. Temos procurado mostrar ao longo do presente artigo que a “atualização” de Dewey por Rorty corresponde a uma deformação da filosofia do primeiro em benefício dos interesses do último. E esse Dewey deformado, por mais atualizado que esteja para participar do debate contemporâneo, não corresponde de maneira alguma ao Dewey original, que poderia participar desse mesmo debate sem passar por essa “atualização”.

Vimos que, para Hall, a versão rortyana do pragmatismo, por mais que enfatize a tolerância intelectual, não cai no relativismo. Entretanto, é difícil concordar com isso. É verdade que, para Rorty, nem todas as concepções alternativas são igualmente viáveis como ferramentas para a resolução de nossos problemas. Acontece que Rorty não nos oferece *ferramentas adequadas* – expressão em vocabulário rortyano que poderia ser uma tradução da expressão não-rortyana *critérios adequados* – para distinguir as concepções mais viáveis das menos viáveis. E isso nos leva de volta ao relativismo que Dewey combate.

Na interpretação do neopragmatista, as influências do hegelianismo e do darwinismo sofrem modificações para se adequar ao “Dewey hipotético” de Rorty. Ele interpreta Hegel pelo seu historicismo e não pelo seu idealismo e Darwin pelo seu positivismo e não pelo seu vitalismo. Assim, Rorty cria um Dewey que transita entre os dois extremos do historicismo e do cientismo, mais do que entre o idealismo e empirismo. David Hall nos mostrou que, para construir sua hipótese sobre Dewey, Rorty tenta extrair implicações sobre o que seria o pensamento desse autor se a experiência fosse substituída pela linguagem. Mas o fato é que Dewey está mesmo preocupado em investigar o caráter da relação entre experiência e natureza e buscar as bases metafísicas de seu pensamento.

Portanto, traduzir o pensamento de Dewey numa terminologia linguística pode subverter o propósito desse filósofo em relação aos problemas que ele pretende abordar²³.

Os críticos de Rorty apresentados até então têm em comum a certeza de que o neopragmatista antecipa, através de sua leitura de Dewey, sua própria filosofia política, que proclama uma etapa sociocultural de articulação entre os diversos vocabulários do conhecimento, não aceitando a supremacia do método científico em detrimento de outros vocabulários e propondo uma “nova” etapa cultural, em que a filosofia seria apenas mais uma escritura, mais um vocabulário literalizado

4. Avaliação crítica da interpretação Rortyana de Dewey: um diálogo com John Hartmann e Alexander Kremer

Nas seções anteriores apresentamos os argumentos de autores que se posicionam contra a apropriação rortyana de Dewey. Fizemos isso porque o número de autores que se colocam contra essa apropriação é bem maior do que aqueles que se colocam a favor dela. Todavia, com o objetivo de tornar a discussão mais rica, selecionamos também dois autores que se posicionam mais favoravelmente em relação à apropriação rortyana de Dewey, para também avaliar aqui suas ideias: John Hartmann e Alexander Kremer. Começaremos pela posição do primeiro, que será inicialmente apresentada para depois ser discutida.

Para Hartmann, embora as diferenças entre Dewey e Rorty sobre o *status* da metafísica sejam provavelmente irreconciliáveis, a reivindicação rortyana de um Dewey

²³ HALL, David L. Richard Rorty. Prophet and Poet of the New Pragmatism. Albany: State University of N. York Press, 1994.

“diluído” pode ser vista como consistente ao menos com o espírito da obra de Dewey²⁴.

Hartmann acredita que o ponto principal da diferença entre Dewey e Rorty está nas atitudes de cada um em relação à metafísica. Para entendermos melhor essa distinção, Hartmann argumenta que é preciso considerar o comentário de Lyotard sobre a morte da *metanarrativa*²⁵. Hartmann recorre a Larry Hickman, para quem, se entendemos Lyotard como anunciando a morte de toda metafísica sistemática que alega explicar toda a realidade, então tanto Dewey como Rorty são pensadores pós-modernos, uma vez que ambos negam a eficácia da metafísica ocidental tradicional.

Entretanto, se entendermos Lyotard como afirmando que qualquer metanarrativa é ilegítima e mal orientada, então apenas Rorty é um pensador pós-moderno. Com efeito, essa segunda leitura de Lyotard é inteiramente consistente com a discussão de Rorty sobre a contingência da linguagem, com sua rejeição da viabilidade da metafísica e com sua valorização do ironismo liberal. Mas essa mesma leitura é decididamente inconsistente tanto com a reconstrução da metafísica proposta por Dewey em *Experience and Nature*

²⁴ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 1. Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

²⁵ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, pp. 1-2; Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

quanto com o papel central desempenhado pela sua metafísica naturalista em seus diversos esforços reconstrutivos²⁶.

Hartmann pensa que, nessa perspectiva, qualquer leitura simpática à apropriação rortyana do legado deweyano seria fadada ao fracasso. Mas a questão que se colocada nesse ponto para Hartmann é a seguinte: precisamos de fato de um Dewey “concentrado” para fazer justiça ao seu projeto educacional e social, ou essa tarefa poderia ser cumprida por um Dewey “diluído”? Hartmann pensa que, pelo menos do ponto de vista da posição rortyana, o projeto de Dewey não sofre praticamente nada quando é lido de maneira “diluída”. Hartmann tenta justificar isso comparando Dewey e Rorty em dois pontos interrelacionados: o método e a esperança social²⁷.

Quanto à discussão sobre o método, Hartmann se refere ao texto de Gouinlock *What is the legacy of instrumentalism? Rorty's interpretation of Dewey*, por nós já discutido, e afirma que ali Gouinlock destaca as diferenças entre o instrumentalismo de Dewey e o ironismo de Rorty, ou seja, entre o Dewey “concentrado” e o Dewey “diluído”²⁸. Depois de

²⁶ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 2.; Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

²⁷ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 3. Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

²⁸ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 3 Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

discutir os argumentos de Gouinlock e a resposta de Rorty, a qual também já discutimos, Hartmann conclui que nada do que Rorty diz em relação ao seu retrato do ironista é inconsistente com o Dewey “diluído” que emerge da rejeição da sua metafísica da experiência.

Uma vez que relativizemos o método deweyano, de tal modo que possamos reconhecer o papel fundamental desempenhado pelos paradigmas kuhnianos no interior do pensamento reflexivo, a importância crítica das tendências reformistas de Dewey, a sua reconstrução histórica e sociológica da tradição podem ser claramente vistas. Longe de rejeitar a conexão estabelecida por Dewey entre o método científico e o método de investigação, como acusa Gouinlock, o neopragmatismo pós-moderno de Rorty pode abraçar a tendência de Dewey em direção ao cientismo como fundamentalmente viável em relação ao contexto específico em que Dewey escreve e em que vivemos. Entretanto, nada justifica a valorização da ciência para além da ideia de que a consideramos útil. Embora o método científico, tomado como modelo de investigação bem sucedida, forneça os fins que consideramos úteis e os objetos que realmente funcionam, não se segue daí que os usuários de outros vocabulários sejam menos racionais na busca de fins diferentes²⁹. É nesse sentido que Dewey é visto por Rorty como estando “além do método”. Embora o Dewey que está além do método seja um Dewey “diluído”, não é evidente que Dewey sofra alguma perda aqui,

²⁹ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 1. p. 8 Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

ainda que minimamente, em termos da tarefa realizada pelo seu pensamento³⁰.

No que concerne ao debate sobre a *esperança social*³¹, Hartmann coloca a seguinte questão: pode o ironismo fornecer os meios para uma reconstrução positiva da democracia oferecida pelo pensamento de Dewey?³² Será que Rorty pode oferecer isso a partir de uma posição que seja coerente com a de Dewey? Esse não é um assunto pouco importante e muitos comentadores se colocaram contra Rorty neste ponto. Certamente podemos garantir que Rorty não satisfaz à conexão íntima que Dewey faz entre sua metafísica e as possibilidades de progresso democrático. Mas isso não significa que a esperança social sem fundamento de Rorty não possa ser conciliada com a posição de Dewey.

Hartmann pensa que a relativização do programa de Dewey para o progresso democrático não exige que abandonemos os seus ideais nem seu potencial para o progresso efetivo e a transformação social. Com efeito, Rorty acredita que uma crença ainda pode regular a nossa ação e ser considerada valiosa a ponto de morrermos por ela, embora seja causada por nada mais profundo do que circunstâncias

³⁰ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 1. p. 9 Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

³¹ RORTY, R. *Philosophy and Social Hop*, New York, Penguin Books, 1999.

³² HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 9 Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

históricas contingentes³³. Mesmo nesse caso, não ficamos despojados dos imperativos morais que Dewey extrai de sua fundamentação metafísica da democracia e do progresso democrático. A historicização dos ideais democráticos de Dewey não diminui o seu poder nem sua capacidade de persuadir³⁴.

Em resposta a Hartmann, temos a dizer o que se segue. É verdade que a filosofia de Dewey pode levar o leitor menos atento à impressão de que há uma tensão irreconciliável entre o cientismo e o historicismo. Rorty parece encontrar-se nessa situação em sua leitura de Dewey e por causa disso se aproveita para dividir Dewey em duas pessoas ou dois temperamentos opostos, fazendo a seguir uma opção por aquele Dewey que mais se ajusta aos seus próprios interesses.

No debate que se seguiu, diversos autores acompanharam Rorty nessa estratégia um tanto discutível. Em virtude disso, as divisões desses autores colocam, de um lado, um Dewey “bom”, ou “jamesiano”, ou “diluído” e, de outro, um Dewey “mau”, ou “peirceano”, ou “concentrado”. Nesse caso, é conveniente lembrar que uma leitura mais atenta dos textos de Dewey revela que a tensão apontada no seu pensamento na realidade faz parte de uma visão unificada, em que os elementos opostos se complementam dialeticamente. Nessa perspectiva, qualquer tentativa de dividir Dewey em

³³ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 10 Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

³⁴ HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003, p. 11 Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_collab03.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

duas pessoas ou dois temperamentos é, de início, equivocada e só serve para dar força sub-repticiamente aos argumentos de Rorty. Se nossa interpretação da filosofia deweyana estiver correta, então um Dewey diluído não é Dewey, mas sim outro pensador.

Pensamos que o Dewey hipotético de Rorty nada mais é do que uma invenção retórica com o objetivo de estabelecer raízes autenticamente norte-americanas para as extravagâncias relativistas do neopragmatismo. Com esse procedimento, Rorty está tentando tornar suas ideias controversas mais palatáveis à comunidade filosófica norte-americana em particular e à comunidade filosófica mundial em geral. Mas Rorty está fazendo com seu conceito de *Dewey hipotético* o mesmo que acusa Dewey de estar fazendo com o conceito de *experiência* e poderia ser assim parafraseado: Rorty infelizmente perdeu a oportunidade de dizer *esqueça Dewey* para dizer: eis algo que você poderia significar por ‘Dewey’, mesmo que esse significado não tenha nada a ver com o significado usado por aqueles que se preocupam em saber em que consiste a filosofia de Dewey.

Acreditamos também que Hartmann não está certo nem ao dizer que o ponto crucial da diferença entre Dewey e Rorty está na atitude em relação à metafísica nem ao distinguir as posições desses dois autores através do comentário de Lyotard a respeito da morte da metanarrativa. É verdade que, se entendermos o pós-modernismo de Lyotard como anunciando a morte de *toda metafísica sistemática*, então certamente Dewey e Rorty são filósofos pós-modernos. Se, porém, entendermos o pós-modernismo de Lyotard como anunciando a morte de *toda e qualquer metafísica*, então Dewey e Rorty – e não somente Dewey – deixam de ser filósofos pós-modernos. Com efeito, a consistência que Hartmann vê entre essa segunda leitura do comentário de Lyotard e a posição rortyana é apenas aparente. Pretendemos mostrar que Rorty também

adota uma postura metafísica, ainda que atenuada, de maneira análoga a Dewey.

Desse modo, ao contrário do que pensa Hartmann, a segunda leitura do comentário de Lyotard é decididamente inconsistente com o papel desempenhado por uma metafísica da cultura implícita que perpassa os escritos de Rorty. Isso significa que o pensamento de Rorty se aproxima mais do Dewey “concentrado” do que do “diluído” e que Hartmann está certo ao ver uma ligação entre Dewey e Rorty, mas por motivos errados. O que está presente em Rorty não é o projeto educacional e social de um Dewey “diluído”, mas sim o do Dewey “concentrado”, cuja tendência metafísica é partilhada por Rorty. É como se o próprio Rorty tentasse apresentar um retrato “diluído” de si mesmo, sem perceber que por trás dessa imagem se esconde o verdadeiro Rorty, um Rorty tão “concentrado” quanto o Dewey “concentrado”. Assim, ao contrário do que diz Hartmann, nada do que Rorty diz em relação ao ironista é inconsistente com o Dewey “concentrado”, em virtude da sua inadvertida adoção de uma metafísica implícita.

Isso se reflete na discussão da *esperança social*. Com efeito, sem instrumentos capazes de garantir minimamente algum tipo de objetividade, o ironismo, ao contrário do que pensa Hartmann, não pode fornecer os meios para a reconstrução positiva da democracia de acordo com a proposta de Dewey. O máximo que o ironismo pode oferecer é uma conversa sem fim, sem conclusão, que pode, a qualquer momento, trocar aleatoriamente os ideais de Dewey por outros. Aquilo que Hartmann chama de “relativização” e de “historicização” do programa de Dewey nada mais é do que um primeiro passo nessa direção. Mas isso não quer dizer que Dewey não reconheça que seu programa seja determinado por contingências históricas.

A diferença entre Rorty e Dewey está em que o primeiro, sem caracterizar adequadamente as condições para a objetividade, fica na conversação pela conversação, sem um guia efetivo para ação, enquanto o segundo, ao caracterizar as condições para a objetividade, vai além da conversação, fornecendo um guia mais efetivo para a ação. Dominado pelo paradigma da conversação, o ironismo não tem como oferecer instrumentos eficazes para a ação efetiva. A historicização dos ideais democráticos de Dewey, da maneira pela qual é realizada por Rorty, certamente diminui o seu poder e a sua capacidade de persuadir.

Passemos agora à posição de Alexander Kremer, que será também, como no caso de Hartmann, inicialmente apresentada e depois discutida. Este autor pensa que Rorty se apropria de um modo especial da filosofia de Dewey, através de uma fusão de horizontes. Conforme Kremer, Rorty sabe, a partir das hermenêuticas de Heidegger e Gadamer, que é impossível dar uma interpretação fiel da filosofia de Dewey, no sentido de uma interpretação objetiva. Todas as pessoas compreendem e interpretam não somente a filosofia de Dewey, mas tudo o mais exclusivamente a partir de seus respectivos horizontes de significado. Nesse sentido, a compreensão e a interpretação sempre envolvem uma fusão de horizontes³⁵.

Nesse caso, como resultado da fusão de horizontes, um novo horizonte nasceu sob a forma do pragmatismo de Rorty. Temos de observar que ocorreu aqui uma fusão de horizontes em um sentido muito mais amplo, porque Rorty fundiu não apenas o horizonte de Dewey com o seu, mas também aqueles de Peirce, James, Whitman, Goodman, Putnam, Davidson,

³⁵ KREMER, Alexander. *Dewey and Rorty*, in *Americana E-Journal of American Studies in Hungary*, vol III, n.2, fall 2007. Disponível em <<http://americanaejournal.hu/vol3no2/kremer>>. Acesso em 01/05/2012, p. 6.

Wittgenstein, Heidegger, Gadamer, Foucault, Habermas, Derrida, etc³⁶.

Kremer prossegue seu argumento afirmando que Rorty reconhece haver muitos traços úteis na filosofia de Dewey, mesmo depois dos desenvolvimentos proporcionados pelos autores mencionados. Essa é a razão pela qual ele distingue o que está vivo e o que está morto em Dewey³⁷.

Este autor considera que a situação apresentada por Rorty é semelhante à do período pós-hegeliano, em que o sistema filosófico de Hegel já não poderia sobreviver, com exceção do seu historicismo³⁸. Kremer pensa que Dewey é importante para Rorty à luz dos recentes resultados da filosofia analítica, ou antes, da filosofia continental. Isso significa que Rorty enfatiza as diferenças e os aspectos positivos da filosofia de Dewey com base nos últimos resultados do desenvolvimento filosófico do século XX. Desse modo, se alguém pretende criticar a interpretação rortyana de Dewey e seu contexto, esse alguém tem de levar em conta o contexto filosófico do século XX³⁹.

³⁶ KREMER, Alexander. *Dewey and Rorty*, in Americana E-Journal of American Studies in Hungary, vol III, n.2, fall 2007. Disponível em <<http://americanaejournal.hu/vol3no2/kremer>>. Acesso em 01/05/2012.,pp. 6-7.

³⁷ KREMER, Alexander. *Dewey and Rorty*, in Americana E-Journal of American Studies in Hungary, vol III, n.2, fall 2007. Disponível em <<http://americanaejournal.hu/vol3no2/kremer>>. Acesso em 01/05/2012, p. 7.

³⁸ KREMER, Alexander. *Dewey and Rorty*, in Americana E-Journal of American Studies in Hungary, vol III, n.2, fall 2007. Disponível em <<http://americanaejournal.hu/vol3no2/kremer>>. Acesso em 01/05/2012, p. 8.

³⁹ KREMER, Alexander. *Dewey and Rorty*, in Americana E-Journal of American Studies in Hungary, vol III, n.2, 2007. Disponível em

Em nossa avaliação da posição de Kremer, consideramos que o seu apelo a Heidegger e Gadamer para justificar a interpretação rortyana de Dewey, nos termos em que está colocado, apresenta-se excessivamente relativista. Com efeito, parece que “vale tudo” no processo de interpretação. Isso até certo ponto explicaria por que Rorty optou pela interpretação dual de Dewey: ao assumir a perspectiva de que não há uma interpretação definitiva da filosofia de um autor, ele pode ter-se aproveitado disso para implementar sua estratégia retórica de ligar o neopragmatismo à tradição do pragmatismo norte-americano pela via do Dewey “bom”. Mas convém lembrar que os horizontes de significado envolvidos na presente discussão sempre têm alguma coisa em comum e que isso constitui uma base para separarmos as “boas” das “más” interpretações. E uma interpretação que divide Dewey em “dois” filósofos, dos quais apenas um é “bom”, certamente será reconhecida pela maioria da comunidade filosófica como inferior a uma interpretação que procure articular os “dois” filósofos num só, obtendo uma perspectiva de conjunto mais coerente. A superioridade da segunda interpretação fica reforçada quando nos lembramos de que o Dewey dual poderia corresponder a um artifício retórico e que a discussão, nos termos em que foi colocada por Rorty, parece ser ociosa.

Em que pesem as observações acima, Kremer tem razão ao dizer que a crítica da interpretação rortyana de Dewey exige que levemos em conta o contexto filosófico do século XX. Com efeito, se esse contexto não for levado em conta, estaríamos isolando o pensamento de Rorty e o de Dewey de seus respectivos ambientes históricos, o que não seria

<<http://americanaejournal.hu/vol3no2/kremer>>. Acesso em 01/05/2012, p. 8.

recomendável, já que correríamos o risco de perder elementos importantes para a discussão nesse processo.

Mas Kremer exagera ao dizer que há uma semelhança entre a situação apresentada pela interpretação de Rorty e aquela apresentada pelo período pós-hegeliano. No caso de Hegel, uma parte mais fantasiosa de seu sistema já se encontrava superada, embora a sua abordagem historicista ainda se revelasse promissora. No caso de Dewey, o cerne de seu sistema, representado pela sua metafísica empírica, ainda nos parece bastante atual, principalmente no que diz respeito à concepção de *experiência* como resultado das interações entre os seres vivos e seus respectivos ambientes⁴⁰.

Assim, a “desatualização” de Dewey não nos parece depender do cerne de seu sistema, mas sim do fato de que, depois de sua morte, outros problemas e temas foram acrescentados à discussão por seus sucessores. A consideração do contexto, tal como sugerida por Kremer, poderia mostrar-nos os acréscimos feitos pelas filosofias analítica e continental no período pós-deweyano. É verdade que isso poderia sugerir que alguma parte da filosofia de Dewey está morta e que alguma parte dela ainda está viva. Mas a adesão a essa hipótese seria equivocada e somente poderia decorrer de uma leitura menos atenta de Dewey. Essa leitura nos levaria à estratégia de Rorty, que consiste na construção artificial de um Dewey hipotético “desatualizado” que estaria necessitando de uma “atualização”. Dado o caráter ainda atual da proposta deweyana, não consideramos que isso seja recomendável. Além de levar a uma discussão ociosa, essa postura tende a criar confusão desnecessária e a reforçar o perigo de um relativismo sem limites.

⁴⁰ CF: MATURANA, H. R. & VARELA, F. El árbol del conocimiento: las bases biológicas del conocimiento humano. Madrid: Debate, 1996.

Por fim, Rorty poderia ter dito tudo o que quis dizer sem ter de usar a expressão *Dewey hipotético*. Ao invés de inventar essa personagem imaginária, Rorty poderia ter dito simplesmente que se inspira em alguns dos ideais de Dewey, mas não todos. Não é preciso recorrer a um “Dewey bom”, como faz Rorty, ou a um “Dewey diluído”, como faz Hartmann, ou dizer que são “fusões de horizontes” como faz Kremer para dizer essas coisas de maneira mais simples e menos confusa. Isso inclusive deixaria mais claras as reais intenções de Rorty, sem ter de recorrer ao apadrinhamento de Dewey.

5. Considerações finais

A partir da discussão proposta por Rorty e seus críticos, vemos que o equívoco da interpretação de Rorty está em sua recusa a reconhecer o fato de que só há um único Dewey, que é historicista e cientista simultaneamente. Em virtude disso, procuramos deixar claro que Rorty, ao defender a noção de um Dewey dividido em dois temperamentos, está adotando uma estratégia retórica que deforma o pensamento do Dewey original e cria um outro, favorável ao neopragmatismo por ligá-lo à tradição pragmatista norte-americana clássica.

Para combater o Dewey cientista, Rorty diz que a busca de critérios é caudatária da epistemologia que deve ser descartada, mas isso também não resolve o problema, pois Rorty certamente teve de usar algum argumento e, portanto, algum critério racional para defender a superioridade da conversação sobre a epistemologia e a superioridade da desmetodologização e da linguistificação de Dewey sobre a interpretação tradicional de Dewey. Rorty não oferece elemento algum em seus textos que possa garantir de maneira objetiva a sua afirmação de que a teoria davidsoniana, ao substituir “experiência” por “conduta linguística”, parece superior à de Dewey.

A tentativa de separar um Dewey “bom” ou “jamesiano” de um Dewey “mau” ou “peirceano” perde de vista o caráter complementar dessas duas dimensões da filosofia deweyana. O apelo a um Dewey “diluído”, em oposição a um Dewey “concentrado”, como faz Kremer, também não resolve o problema.

Se nossa interpretação está correta, então a diferença entre Dewey e Rorty se encontra muito mais na concepção do cientificismo do que na concepção de metafísica. Na verdade, é a metafísica subjacente a cada um deles que conduz a concepções diferentes da atividade científica. Assim, embora ambos os autores possam abraçar, como diz Hartmann, a tendência cientificista como fundamentalmente viável em relação ao contexto contemporâneo, somente Rorty valoriza a ciência com base apenas na ideia de que a consideramos útil. Entretanto, Dewey vê muito mais do que isso na ciência: para ele, ela surge como o padrão mais sofisticado das relações de aprendizado e conhecimento que decorrem das interações dos seres vivos com o ambiente. Rorty não faz isso, perdendo assim uma fonte confiável para a elaboração de instrumentos capazes de garantir a objetividade. Nessa perspectiva, Rorty está certamente além do método, mas não Dewey. Estamos nos referindo, é claro, ao Dewey “concentrado”, já que o “diluído” não passa de uma invenção de Rorty e seus seguidores.

Assim, colocamo-nos contra a apropriação rortyana do pensamento de Dewey e, para finalizar, apresentamos a seguinte questão: Rorty estaria ele mesmo imune às críticas que faz a Dewey? Podemos inclusive sustentar que Rorty é deweyano não porque evitou a “metafísica empírica”, mas porque elaborou inadvertidamente, de acordo com o espírito de seu herói pragmatista clássico, uma “metafísica da cultura”, narrada no vocabulário da “esperança social”, do “ironista” ou “ironista liberal”.

Referências

CAMPBELL, James. *Rorty's use of Dewey*. Southern Journal of Philosophy 22, 1984, pp. 175-287.

DAVIDSON, D. *Knowing one's own mind*. Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association, p. 441-458, 1987.

DEWEY, John. *Reconstruction in Philosophy*. Enlarged edition. With a new introduction by the Author. Boston: The Beacon Press, 1957.

DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

DEWEY, John. *The quest for Certainty: a study of the relation of knowledge and action*. Minton, Balch, 1929.

GOUINLOCK, James. *What Is Legacy of Instrumentalism? Rorty Interpretation of Dewey*. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

HAACK, Susan. *Vulgar Pragmatism: An Unedifying prospect*. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

HALL, David L. Richard Rorty. *Prophet and Poet of the New Pragmatism*. Albany. State University of N. York Press, 1994.

HARTMANN, John. *Dewey and Rorty: Pragmatism and Postmodernism*. Presented at: Collaborations Conference, SIUC, March 20-21, 2003.

HICKMAN, Larry A. *Pragmatism as post-modernism – Lessons from John Dewey*. New York. Fordham University Press, 2007.

KOOPMAN. C. Rorty's Moral Philosophy for Liberal Democratic Culture. *Contemporary Pragmatism*, vol. 4, n. 2, December 2007.

KREMER, Alexander. Dewey and Rorty, in *Americana E-Journal of American Studies in Hungary*, vol III, n.2, 2007. Disponível em <http://americanaejournal.hu/vol3no2/kremer>>. Acesso em 01/05/2012, p. 8.

LAMBERT, David C. Pragmatism and Naturalism: a inevitable conjunction. In: *Cognitio: Revista de Filosofia*, n. 2. Centro de Estudos de Pragmatismo – USP. São Paulo: Educ, 2001, p. 76-87

LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

MALACHOWSKI, Alan. *Richard Rorty*. Princeton University Press, 2002.

_____. *Reading Rorty: critical responses to Philosophy and the mirror of nature*. Oxford: Blackwell, 1996.

MATURANA, H. R. & VARELA, F. *El árbol del conocimiento: las bases biológicas del conocimiento humano*. Madrid: Debate, 1996.

PEIRCE, Charles S. *The Collected Papers of Charles S. Peirce*. Cambridge, Mass., 1958.

PINTO, Paulo Roberto Margutti e MAGRO, Cristina (orgs.). *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *A abordagem pragmática do conhecimento*. In: VAITSMAN, Jeni; GIRARDI, Sábado (org.). *A Ciência e Seus Impasses. Debates e Tendências em Filosofia*,

Ciências Sociais e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999, p. 73-92.

PUTNAM, H. The meaning of "meaning". *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*, VII, 1975.

QUINE, W. V. O. *Ontology e relativity and other essays*. New York: Columbia University Press, 1964.

RAMBERG, Bjorn. Richard Rorty. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/Rorty>, 2001. Acesso em: 20.09.2007.

RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*, Princeton: Princeton University Press, 1979.

RORTY, Richard. *Introduction: Pragmatism and Philosophy*. In: *Consequences of Pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982, pp. xiii-xvii.

RORTY, Richard. *Overcoming The Tradition: Heidegger and Dewey*. In: *Consequences of Pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982, pp. 37-59.

RORTY, Richard. *Dewey's Metaphysics*. In: *Consequences of Pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982, pp. 72-89.

RORTY, Richard. *Contingency, Irony and Solidarity*. New York: Cambridge University Press, 1989.

RORTY, Richard. *Philosophy and Social Hope*. London: Penguin Books, 1999.

RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 96.

SAATKAMP Jr. H. J. *Rorty & Pragmatism: The Philosopher Responds to his Critics*. Nashville/London: Vanderbilt University Press, 1995.

SELLARS, W. *Empiricism and the Philosophy of Mind*. With an Introduction by Richard Rorty and a Study Guide by R. Brandon. Cambridge, Mass., e Londres: Harvard University Press, 1971.

(Submissão: 25/06/25. Aceite: 11/03/26)